

Depoimento

Testimony

Licks e sua parceria com Lavechia: à guisa de introdução

Alexandre Felipe Fiúza¹

Geni Rosa Duarte²

... em los momentos decisivos, la memoria siempre se remonta a los orígenes, incluso remotos, de la vivencia en que uno se encuentra sumergido.
Jorge Semprún, Autobiografía de Federico Sánchez

Um dos autores deste texto, Alexandre Fiúza, participava em 2005 das Segundas Jornadas de História e Integración Cultural del Cono Sur, em Concepción del Uruguay, Argentina, e apresentava uma comunicação oral referindo-se aos exilados da Embaixada no Chile após o golpe de 1973. Ao afirmar que havia uma dezena de pessoas na embaixada, foi corrigido por uma uruguaia, a historiadora Cristina Porta, que estava na plateia: não eram dezenas, disse ela, mas centenas de pessoas que ali se exilaram. Revelando que também havia se exilado nesse período nesse mesmo local, acrescentou que ali havia conhecido uma pessoa de quem tinha muita saudade. Não se recordava dos nomes das pessoas citadas na comunicação, e do amigo que nunca mais encontrara, lembrava apenas o apelido: Gaúcho. Então ficou tudo esclarecido: Gaúcho era José Rogério Licks, o autor do relato que

¹ Doutor em História pela UNESP, professor dos cursos de graduação e mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: alefiuza@terra.com.br.

² Doutora em História Social pela PUCSP, professora dos cursos de graduação e mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: geni.rosaduarte@gmail.com.

apresentamos a seguir. Depois disso, ele e Cristina retomaram o contato, e isso propiciou a aproximação dessas duas pessoas, depois de tantos anos.

Nesse sentido, o texto que apresentamos a seguir, escrito por José Rogério Licks retoma questões de sua vivência no exílio, mais especificamente quando esteve, com muitos outros companheiros, refugiado na embaixada argentina em Santiago, no Chile. A escrita do texto expressa a necessidade do autor de remontar a origens de sua experiência, procurando nexos, presentificando as experiências e trazendo à tona personagens e perspectivas com que esteve relacionado. E nessa direção, ganha corpo sua relação com um velho militante também exilado no Chile, José Lavechia.

Nossa aproximação mais efetiva de José Rogério Licks se deu através da pesquisa que desenvolvemos sobre as experiências de músicos que se exilaram durante os períodos de ditadura que a América Latina conheceu, desde os anos 1960. Queremos acompanhar não apenas as lembranças, muitas vezes dolorosas, das partidas, das quebras e das perdas, mas também das construções de novos caminhos, de encontros que se processaram, de mudanças e transformações que esses músicos vivenciaram. A realização dessas entrevistas tem permitido o desenrolar dos fios de muitas memórias, e essas lembranças se entrecruzam, permitindo novas tessituras, novos desenhos. Não são recordações ausentes de sofrimento. Lembrar é reviver situações de alegria e outras igualmente dramáticas. Rememorar é também tornar a experienciar e isso nem sempre é fácil. Muitas vivências trazem uma carga tão dolorosa de recordações que às vezes obrigam ao silenciamento.

Mesmo referindo-se a vivências grupais, quem recorda é o indivíduo. Para Alessandro Portelli, “a História Oral é uma ciência e arte do indivíduo”, uma vez que ela traz à tona as memórias, e nesse sentido, embora moldadas muitas vezes pelo meio social “o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. Ou seja, embora a memória seja social, ela somente se torna concreta quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas (PORTELLI, 1997, p. 15-16). Da singularidade das experiências, tanto quanto da singularidade das narrativas, forma-se o alicerce que sustenta uma perspectiva historiográfica que se recusa a olhar os indivíduos como meros números ou dados. E como Portelli, não temos nenhuma dúvida ao afirmar que as narrativas constituem fontes de conhecimento tão ricas que superam mesmo qualquer mera tabulação de dados estatísticos.

Se por um lado a história de Licks representa a trajetória de muitos exilados, por outro, inúmeras particularidades de seu caso indicam diferentes estratégias e vivências na militância. Licks é um músico que embora conhecesse e executasse canções mais engajadas, cultivou o gosto e o interesse pela música instrumental, pela experimentação, pela criação de novas sonoridades, o apreço pela canção folclórica, pela invenção de instrumentos musicais. Essa versatilidade musical gerou frutos e lhe permitiu conhecer diferentes possibilidades artísticas, e em decorrência sua trajetória política também reproduziu sua relação diferenciada com a militância. Por exemplo, se a fruição pela literatura e pela poesia

era recorrente na vida de parte significativa da militância política mais intelectualizada, Licks se destacou pela maneira como lidou com estas expressões literárias, não apenas na criação musical, como em sua vivência política. Apesar de sua formação militar, não optou pela luta armada. Embora sua estreita vinculação com grupos armados, o mantivesse neste círculo de exilados. Colocou sua canção a serviço de estruturas de denúncia criadas na Europa e ainda durante o exílio no Chile e na Argentina.

A decisão de sair do Brasil foi tomada quando Licks foi preso numa passeata em Porto Alegre, e na prisão encontrou um conhecido inconsciente com marcas de tortura. Todavia, antes de passar a fronteira, desenvolveu um exílio interno, percorrendo parte significativa do território nacional. Isso lhe permitiu o conhecimento do Brasil interior, indispensável, segundo ele, para viver em terra estranha. Entrou em contato com muitas pessoas, algumas que o receberam em suas casas, outras que lhe trouxeram poesias para serem musicalizadas. Foi desenvolvendo, nesse trajeto, um sentido de compartilhamento essencial para estabelecer laços no Chile posteriormente, ao contrário de muitos brasileiros, que viviam em terra estranha apenas com a perspectiva do regresso, e de um regresso que não tinha condições de ser imediato.

Ele tem plena consciência dessa circularidade entre o individual e o coletivo. Num depoimento por email a Alexandre Fiúza, referindo-se ao tempo vivido após o golpe de 1973, Licks elabora os aspectos dessa vivência, quando assim se expressa: “Me vem a impressão que na Embaixada vínhamos todos de um grande naufrágio, estávamos em uma espécie de arca do dilúvio. E apesar de todos os problemas, vivíamos uma magia muito especial, que era a magia do encontro de seres tão diferentes, sem perspectivas, mas que redescobriam o milagre de ter companheiros. Era nossa tábua de salvação” (05/11/2001). Ele entende, com toda clareza, a importância do compartilhamento da experiência do exílio, muito mais dolorosa se vivida isoladamente. Mas cada um vive de forma diferente essa situação. Usando a simbologia da arca, cada um torna-se aquilo que na história bíblica era representada por um casal de animais: um olha de baixo, outro olha de cima ou para cima, um se equilibra, outro se deita...

Trazer essa singularidade é o ofício do memorialista. E é nesse sentido que podemos afirmar, sem qualquer dúvida, de que Licks é um grande memorialista. No relato que apresentamos a seguir, ele se recorda das múltiplas sensações que esse passado evoca. Transita pelos diferentes tempos, mergulha neles a partir das citações que ele faz, tanto dos autores que lê quanto dos seus próprios poemas/letras de canções, presentificando e conferindo sentidos aos fatos e às emoções rememoradas. Nesse movimento, ao ser trazido para o presente, o passado é recriado e projetado no futuro, e “dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo”, nas palavras de Janaína Amado (1996, p. 132). Por isso nessas memórias pulsa um sentido de passado como de algo que não ficou perdido, ou superado, mas que relampeja num momento de perigo, como sugere

Benjamin. E seguindo Benjamin, Licks se dá a tarefa de despertar mortos, como Lavechia, convencido de que “também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer”. Considerando sempre que esse inimigo “não tem cessado de vencer” (1993, p. 224-225).

As entrevistas que realizamos com Licks revelam o poeta, o memorialista, uma pessoa que observou a realidade vivida de maneira muito sensível. E ele deixa transparecer isso também nas suas composições. Produziu um disco musicando poesias de Mário Quintana, e nele, as filigranas deste grande poeta encontram ressonância no músico. Por outro lado, no CD Concerto do exílio, ele fala do pai que, na embaixada onde se refugiara, improvisava uma fralda para seu bebê em cima no negro piano de cauda, da menininha que apelava para que não lhe levassem também a mãe, da experiência de fuga ao cruzar a cordilheira. Nas entrevistas, ele se emocionou, cantou, reviveu as situações. E uma das lembranças fortes que povoam sua cabeça é justamente a do sapateiro Lavechia.

Durante o asilo que muitos brasileiros e outros latino-americanos viveram nas embaixadas em Santiago, quando do golpe militar no Chile, em 1973, Licks teve muita sensibilidade ao observar as pessoas com quem conviveu. Esta mesma preocupação em revelar a trajetória de Lavechia perpetrada por Licks encontrou ressonância no belo trabalho de Célia Barros, intitulado Lavechia, um sapateiro contra a ditadura. Nesta obra, a autora reconstrói a trajetória deste homem que foi preso pela ditadura já com 51 anos, idade bem superior à média dos presos políticos. Se o depoimento e o texto memorialístico de Licks revelam a trajetória de Lavechia no exílio chileno, a obra de Célia Barros abarca a militância junto à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), ao lado de Carlos Lamarca; sua prisão, sua liberdade após o sequestro do embaixador alemão Von Holleben e sua vida no exílio. A obra também refaz caminhos para entender a morte de Lavechia, quando de sua tentativa de voltar ao Brasil.

Segundo a pesquisa monumental empreendida por Aluizio Palmar, Lavechia fazia parte de um grupo atraído para ações a partir de Foz do Iguaçu por um ex-militante cooptado pelas forças policiais. Portanto, alguém que tombou vivendo uma utopia, que o exílio e o dilaceramento dos laços familiares e de amizade não conseguiram eliminar.

Herói ou apenas vítima de uma guerra de proporções que ele, provavelmente, nunca imaginou, José Lavechia ainda acreditava no sonho socialista quando tombou no Parque do Iguaçu, na emboscada perpetrada pela repressão. E se for verdade que esboçou uma última tentativa de reação ao ataque de seus algozes, então terá morrido em combate, única forma de abandonar a luta por ele concebida nos tempos de exílio, conforme confienciava aos companheiros de militância.” (BARROS, 2010, p.199).

Os detalhes dessa última ação de Lavechia ainda não foram suficientemente esclarecidos, embora os indícios do massacre sejam bastante significativos. Os corpos dos militantes mortos ainda não foram encontrados.

Há que se acrescentar que saindo do Chile, Licks e outros brasileiros (Raul Ellwanger, Leopoldo Paulino, Eliana Lorentz Chaves, ou Nana Chaves, Zeca Leal, José Luís Sabóia, Edu e Márcia Savaget Fiani,) dirigidos pelo teatrólogo Augusto Boal, formaram o grupo Caldo de Cana que apresentou em Buenos Aires o espetáculo *Canción del Exílio*. A união desses músicos possibilitou a eles condições para sobrevivência econômica, mas a prisão de um dos brasileiros a eles ligado, por agentes “falando português”, como acentuou Fiúza em sua tese de doutoramento, além da ação em território argentino da DINA (Dirección de Inteligencia Nacional), a polícia secreta chilena, também passou a fazer incursões pela Argentina em busca dos integrantes chilenos do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) e de seus aliados. Isso dispersou o grupo, fazendo com que alguns partissem para a Europa, onde continuaram a se apresentar denunciando os desmandos das ditaduras latino-americanas.

Licks vive hoje na Alemanha, onde ganha a vida como músico.

Referências bibliográficas:

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, imaginação e veracidade em história oral. *História*. São Paulo, nº 14, 1996.

BARROS, Célia. *Lavechia, um sapateiro contra a ditadura*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vol I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1993

FIUZA, Alexandre Felipe. Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970, (tese de doutoramento) São Paulo: UNESP, 2006.

Portelli, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, vol 15, abril de 1977.